



ESTADOS UNIDOS

Justiça investiga Trump por ataque ao Capitólio

Chip Somodevilla/AFP

Procuradores federais interrogam testemunhas e analisam conversas do ex-presidente para determinar se o republicano tentou reverter os resultados das eleições e impedir vice de certificar a vitória de Joe Biden, ao incitar invasão ao Congresso

» RODRIGO CRAVEIRO

Saul Loeb/AFP - 06/01/21

O Departamento de Justiça dos Estados Unidos analisa registros de telefonemas de ex-assessores de Donald Trump e conversas travadas pelo ex-presidente republicano com sua equipe em uma investigação sobre esforços do magnata para reverter os resultados das eleições de 2020. A informação foi divulgada pelo jornal *The Washington Post*, que cita fontes familiares com o inquérito.

Procuradores interrogam testemunhas, incluindo assessores de Mike Pence, que foi vice de Trump, e Cassidy Hutchinson — assistente de Mark Meadows, chefe de gabinete da Casa Branca durante o governo do republicano. Os arquivos do telefone de Meadows estão em posse da Justiça.

Segundo a tevê CNN, a extensão do depoimento de Hutchinson não está clara. Em 28 de junho, ela depôs ante o comitê instalado pela Câmara dos Representantes para investigar a invasão ao Capitólio, em 6 de janeiro de 2021. Na ocasião, Hutchinson disse que Trump agarrou o volante da limusine e tentou dirigir até o Congresso.

O jornal *The Washington Post* informou que por várias horas os promotores fizeram perguntas sobre reuniões comandadas por Trump entre dezembro de 2020 e janeiro de 2021; sobre a pressão de auxiliares para que Pence revertesse o resultado da eleição; e sobre instruções dadas pelo ex-presidente aos advogados para o recrutamento de falsos eleitores em



Simpatizantes do ex-presidente Donald Trump posam para foto no Capitólio, em 6 de janeiro de 2021

estados-chave nos quais o democrata Joe Biden venceu.

Coautor do best-seller *How do democracies die* ("Como as democracias morrem") e professor e governo e de estudos sobre América Latina na Universidade de Harvard, Steven Levitsky (**leia Duas perguntas para**) elogiou o trabalho do comitê de investigação sobre o ataque ao Capitólio. "O comitê, bipartidário, fez um poderoso caso ao mostrar que Trump tentou um golpe. Dar impunidade a líderes golpistas é uma péssima ideia, pois torna mais prováveis golpes no futuro", afirmou ao *Correio*.

Roland Riopelle — ex-procurador federal para o Distrito Sul de Nova York — considera que a chance de Trump ser acusado e condenado, neste momento, é muito forte. "As evidências apresentadas pelo comitê da Câmara foram tão contundentes que o Departamento de Justiça não pode ignorá-las. Se Trump for acusado, creio que as acusações serão graves. Podem se basear em conspiração para obstruir o Congresso e, talvez, conspiração para se envolver em sedição, por organizar e energizar os atos da multidão em 6 de janeiro de 2021", explicou à reportagem.

Indicações

Segundo Riopelle, o Departamento de Justiça tem realizado o seu trabalho da maneira tradicional, ao entrevistar o maior número possível de testemunhas e ao examinar a evidência documental em detalhe. "Isso mostra todas as indicações de que o Departamento de Justiça, no fim das contas, trará uma acusação contra Trump. Os funcionários têm investido muitos recursos nisso, e não o teriam feito se não fosse pela intenção de buscar uma acusação", acrescentou.

Duas perguntas para...

STEVEN LEVITSKY, professor da Universidade de Harvard e coautor do best-seller *How do democracies die* ("Como as democracias morrem")

Como vê o fato de o Departamento de Justiça interrogar testemunhas em uma investigação contra Trump?

Não sabemos o que o Departamento de Justiça fará. É um terreno completamente novo para o governo. Muitas pessoas no establishment dos EUA temem que uma acusação contra Trump seja percebida como politicamente inspirada. Elas temem uma politização maior do Judiciário. Nós simplesmente nunca fizemos nada assim. Embora muitas democracias tenham condenado ex-presidentes ou premiês, e o

tenham feito legitimamente. Eu citaria a Coreia do Sul, a Itália, a França, Taiwan, Israel e o Peru. Isso inclui o Brasil, apesar de o caso envolvendo Lula ter sido politizado.

Stephanie Mitchell



Há elementos para uma condenação de Trump?

É claro! Trump tentou anular uma eleição. Há uma crença emergente de que, por mais arriscada que seja uma acusação, os riscos para a democracia de permitir que Trump escape impunemente de uma tentativa de golpe são ainda piores. (RC)

China eleva tom contra viagem de Pelosi a Taiwan

O governo de Xi Jinping alertou que os EUA terão de assumir "todas as consequências" de uma possível visita a Taiwan da presidente da Câmara dos Representantes, a democrata Nancy Pelosi, em um contexto de tensões entre os dois países. O aviso foi feito antes de um telefonema programado para os próximos dias entre o presidente Xi Jinping e o homólogo norte-americano, Joe Biden. Ontem, Pelosi convidou altos membros do Congresso a acompanharem na visita

a Taiwan, como o republicano Michael McCaul, integrante do Comitê de Assuntos Externos da Câmara, e o democrata Gregory Meeks, presidente do mesmo comitê.

Os pontos de tensão entre Pequim e Washington se multiplicaram nos últimos anos: o Mar da China Meridional, a influência crescente da China na região de Ásia-Pacífico, a guerra na Ucrânia e a questão de Taiwan. Pequim considera a ilha capitalista e democrática, que conta com uma população de 24 milhões de habitantes, como

uma de suas províncias históricas, mas não controla o território.

A China, que se opõe a qualquer contato entre Taiwan e outros países, aumentou a pressão militar e diplomática contra Taipé desde a eleição em 2016 da presidente taiwanesa, Tsai Ingwen, quem vem de um partido separatista. Ao mesmo tempo, as tensões entre China e Estados Unidos também aumentaram por várias vendas de armas americanas a Taiwan e a visita à ilha de políticos americanos que chegaram a oferecer seu apoio às

autoridades taiwanesas.

Nancy Pelosi, uma das figuras políticas mais importantes dos Estados Unidos, planeja viajar para Taiwan no próximo mês, segundo a imprensa. No entanto, Pelosi ainda não confirmou se fará a viagem, embora tenha dito que é "importante mostrar nosso apoio a Taiwan". A China considera a ilha, que conta com uma população de 24 milhões de habitantes, como uma de suas províncias históricas, mas não controla o território.

A China alertou, na segunda-feira, que "está pronta" para responder

à visita da dignitária americana e reiterou, ontem, sua "firme oposição". "Se os Estados Unidos persistirem em desafiar a linha vermelha da China" com esta visita a Taiwan, "enfrentarão fortes medidas em resposta e devem assumir todas as consequências", disse o porta-voz da diplomacia chinesa, Zhao Lijian, em entrevista coletiva.

Lijian respondeu desta forma a uma pergunta sobre as informações que indicam que os militares dos EUA aumentariam sua atividade na Ásia-Pacífico no caso de uma visita de Pelosi.

Saul Loeb/AFP



Nancy Pelosi, líder da Câmara, convidou colegas para visitar Taipé

GUERRA NO LESTE EUROPEU

Rússia corta fornecimento de gás

A gigante estatal petrolífera russa Gazprom voltou a reduzir as entregas de gás, através do gasoduto Nord Stream, para quase 20%, de acordo com dados da operadora alemã Gascade. Cerca de 17,3 gigawatts-hora (GWh) chegaram à Alemanha, a partir da Rússia, entre 8h e 9h (3h e 4h em Brasília), em comparação com uma média de quase 29 GWh por hora nos últimos dias. "Desde as 8h, o Nord Stream 1 transporta 1,28 milhão de metros cúbicos por hora, o que representa cerca de 20% da capacidade máxima do gasoduto", anunciou a

operadora alemã Gascade, que administra a rede na Alemanha.

A redução no fornecimento de gás ocorre um dia depois da decisão da União Europeia (UE) de racionar o gás em 15%, entre agosto de 2022 e março de 2023, para diminuir a dependência dos suprimentos russos. Os 27 países-membros do bloco também se preparam para a ameaça de escassez do produto durante o inverno.

O grupo italiano Eni também foi informado pela Gazprom que as entregas de gás seriam limitadas a 27 milhões de metros

John MacDougall/AFP



Gasoduto Nord Stream 1, em Lubmin (Alemanha): operação a 20%

cúbicos, contra 34 milhões "nos últimos dias". Antes da invasão russa da Ucrânia, o Nord Stream transportava cerca de 73 GWh por hora, abastecendo a Alemanha, que é particularmente dependente do gás russo, mas também outros países europeus através do Mar Báltico. Em julho, o gasoduto havia interrompido por completo suas operações por 10 dias para manutenção.

O impacto da nova interrupção no fornecimento foi sentido imediatamente pelo consumidor. Ontem, os preços do gás subiram quase 2% e foram negociados perto

do valor recorde registrado desde a invasão da Rússia à Ucrânia, em 24 de fevereiro. Na segunda-feira, a Gazprom avisou que reduziria pela metade as entregas diárias de gás via Nord Stream, sob a alegação de operação de manutenção em uma turbina. No entanto, um porta-voz do Kremlin atribuiu a redução da oferta a sanções ocidentais tomadas contra a Rússia após o início da guerra. "Se não fossem estas restrições, tudo teria sido cumprido (...) dentro do prazo habitual", afirmou. Os países ocidentais rejeitaram o argumento e acusam Moscou de utilizar o gás como arma econômica e política.